ANO I N.º 20
Numero avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
1 de Fevereiro de 1934

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica — Director — SOBRAL DE CAMPOS — Sede — Praça 7 de Março

O guindaste de 60 toneladas do porto de Lourenço Marques levantando 80 toneladas com optimo resultado

desportos de inverno

Paisagens brancas de neve — brancas sem mácula, lisas, irreais... Corpos que passam, num deslise brando, riscando na neve um arabesco — corpos numa ondulação ritmica de bailado, leves e airosas, braços que se abrem em cruz. num gesto de oferenda, plasticizando um ritmo ou um anseio... Uma aragem fina, seca, enregelada, fustiga o rosto, carminando-o num cambiante de saude bue nenhum «bâton» iguala... Embriaguez do ar puro e fresco, do momimento, da liberdade, da alegria, da velocidade...

Patins, «bobs», «skis»... Um corpo que voa, na impulsão do salto — e rola numa explosão criada de flocos...

E tudo isto nos faz, a nós que esurrtamos ao sol adusto de Africa, crescer água na boca — água gelada!...

No Conselho do Govêrno, S. Ex.ª o Governador Geral proferiu um discurso sôbre a situação da Colónia, mostrando que ela não é lisongeira, que se avizinham dias de mais graves dificuldades e se aproximam horas de mais duros sacrifícios para todos. Embora não tocadas de um pessimismo dissolvente, nem traduzindo falta de confiança nas possibilidades da Colónia para enfrentar a Crise, para lhe resistir ao embate mais violento — antes pelo contrário — em todo o caso, essas palavras (que têm que ser meditadas) vieram, não denunciar um mal existente, mas confirmá-lo com clareza.

Que o mal existe — todos o sentem, todos o sabem, mais ou menos completamente.

De há muito, há uns quatro ou cinco anos a esta parte, que a Crise começou a sentir-se, o mal a desenhar-se, a acentuar-se mais nitidamente. Todos o viam, todos o sentiam, todos o compreendiam.

Todavia, no meio dos grandes cataclismos económicos que se vinham desencadeando, com terríveis e múltiplas conseqüências sociais e individuais, por êsse mundo fora, em todos os Continentes, a situação da Colónia e o viver dos colonos representavam ainda — um mundo à-parte. Moçambique era — e tem sido — ainda assim mesmo, um cantinho privilegiado, um meigo e encantador oásis no deserto das catástrofes mundiais...

Agora, porém — desde 1933 — é que parece que entramos no auge da crise ou que vamos a caminho de o atingir. O ano corrente — as palavras ponderadas da primeiro autoridade da Colónia o confirmam — deve ser pior. E ignoramos o que de mais grave nos trarão os anos seguintes...

Pada todo êsse possível quadro de dificuldades máximas, todos nos devemos preparar, sem desânimos, sem alarmes, sem fugas ou desfalecimentos. É precisamente nêstes momentos que as qualidades de resistência de um povo se afirmam, fazendo renascer, dos destroços, energias que parecem perdidas. Só assim podem superar-se os maiores obstáculos.

Nêstes anos em que a Crise se foi desenhando e acentuando — e em que muitos pareciam não acreditar em que ela viesse ainda a agravar-se muito mais — raros foram os que se dispuseram a modificar os seus hábitos de grandeza, de vida larga, cavando maior abismo à sua roda, por não quererem «descer», restringir, limitar a sua forma de viver. A imprevidência e um falso orgulho, uma vaidade desmedida, atirou-os para uma maior voragem.

Agora — perante um mal que se agrava todos os dias e que se não sabe que proporções atingirá, perante um mal que ninguém pode ignorar, desconhecer, doirar, iludir, ocultar — é já tempo de todos procurarem viver dentro dos seus orçamentos, modificando os seus hábitos, entrando dentro da razão e não procurando, nem deslumbrar os outros, nem arrastá-los, também, para uma vida de perdição inevitável.

A hora é grave. A hora é de sacrifícios. A hora é de equilíbrio. A hora é de modéstia. A hora é de coragem.

É assim — parece-nos — que devem ser escutadas e meditadas as palavras de S. Ex.ª no seu discurso do Conselho do Govêrno.

E, se todos, e cada um, assim as entenderem e procederem de harmonia com elas, a má travessia há-de fazer-se — sem naufrágio.

S. C.

O Sr. François Poncet, embaixador da França em Berlim, passou por uma afrontosa humilhação, da qual o não salvaram as imunidades e os privilégios diplomáticos.

O Sr. François Poncet regressava à Alemanha, após uma visita a Paris. Por sinal, ao que parece, o embaixador em Berlim teria advogado, no seu Ministério dos Estrangeiros, a causa hitleriana das «conversações directas».

Nem mesmo esta diligência, que deveria tornar mais simpático ainda ao nazismo o embaixador francês, o pôs a coberto do vexame.

O Sr. Poncet viajava em automóvel — o motorista e o carro arvorando as insígnias, que lhes competem, do corpo diplomático. Ao chegar a Francfort, intimação de parar... Um major «nazi» prepara-se para revistar o carro.

Dignamente, o embaixador opõe-se, invocando a sua qualidade e as prerogativas que lhe são inerentes.

Mas o major insistiu. Tinha ordem de revistar todos os carros vindos do Oeste. Nem mesmo uma «valise» diplomática lhe faria desobedecer às ordens que recebera...

E assim fez. Olhou, esquadrinhou, abriu malas, rasgou envelopes, leu, releu — enquanto, de pé o embaixador da França devorava o insulto. E, depois de esquadrinhar e de ler, o rígido major deu ordem aos seus homens para que se retirassem — deixando, descortezmente, abertos e vasios o estojo de «toilette» e a «valise» violada, e, numa afrontosa mistura, em trouxa, na estrada, «os documentos do Quai d'Orsay e os pijamas do Sr. François Poncet».

Quem nos conta esta picante história é «Je suis partout», que a fecha assim:

«Viu-se, então, esta coisa inaudita: o embaixador de França, «à quatre pattes», na estrada, apanhando, com a ajuda do «chauffeur», os papéis e vestuário espalhados na lama, sob a vista dos alemãis, que nem mesmo o cumprimentaram ao deixá-lo.»

O resto da aventura não tem interêsse. Protesto do embaixador junto do barão von Neurath. Promessa de sanções, que, ao depois, não foram aplicadas. E o Sr. François Poncet, instalado na sua embaixada, sem deixar o cargo em que triplamente o insultaram: como homem, como francês e como embaixador...

Uma conseqüência imediata do reatamento de relações entre a U. R. S. S. e os Estados Unidos, é a colonização russa — o termo «colonização» é perfeitamente apropriado — das regiões siberianas do Extremo Oriente: as províncias Marítima e do Amor, designadamente.

Como se sabe, a criação japonesa do Estado do Manchuco constituiu uma séria ameaça à posição russa naquelas províncias. A expansão nipónica é, não só um perigo para o domínio russo da Sibéria marítima, como, também, para o próprio regime comunista.

Não há muito tempo que começou a espalhar-se a notícia de que se preparava a criação dum Estado «branco», anti-comunista, entre Baïcal (Irkutsk) e Vladivostok.

Mais que as questões de ordem económica, foram os receios da U. R. S. S. pelas suas possessões do Extremo Oriente, que resolveram os chefes soviéticos a procurar o restabelecimento de relações com os Estados Unidos. Litvinoff houve-se com felicidade na sua «tournée». E, agora, forte da amizade dos Estados Unidos, que lhe serão um seguro amparo em qualquer conflito com o Japão, a U. R. S. S. começa a pôr em prática medidas tendentes ao povoamento dessas regiões.

Assim, o Extremo Oriente foi libertado da obrigação de entrega ao Estado de cereais, arroz, carnes, manteiga, batatas e outros produtos. Êste privilégio foi concedido pelo prazo de dez anos para os «kolkhoz» e de cinco para as explorações individuais.

Isto quanto à região de Vladivostok. Na província do Amor, aquelas entregas são reduzidas de cinqüenta por cento, ao passo que os vencimentos, salários e soldos são aumentados de trinta a cinqüenta por cento.

A U. R. S. S. cria, assim, um forte estímulo à imigração naquelas longínquas possessões, procurando deslocar para elas um forte contingente de colonos-soldados, de modo a consolidar a sua posição no pôrto de Vladivostok e a guarnecer a fronteira do Manchuco.

Resta saber o que fará o Japão, em face desta «marcha vermelha».

O último mote glosado pela Imprensa alemã contra a França, é o da chamada de novas tropas coloniais para permanência na metrópole, a fim de completar o contingente em serviço efectivo.

A insuficiência, em número, do recrutamento metropolitano, proveniente da baixa natalilidade, levou as autoridades militares a reclamarem que se recorresse às tropas de côr, para completar a guarnição da metrópole. O Ministério da Guerra, nas suas previsões orçamentais para o ano corrente, abriu um crédito destinado à transferência, de África para França, de 5.000 soldados.

Registe-se que contra êste procedimento têm protestado as mais autorizadas individualidades coloniais francesas, pedindo insistentemente que se evite a permanência dêsses contingentes na metrópole.

A Imprensa alemã fez desta questão um novo motivo de campanha anti-francesa.

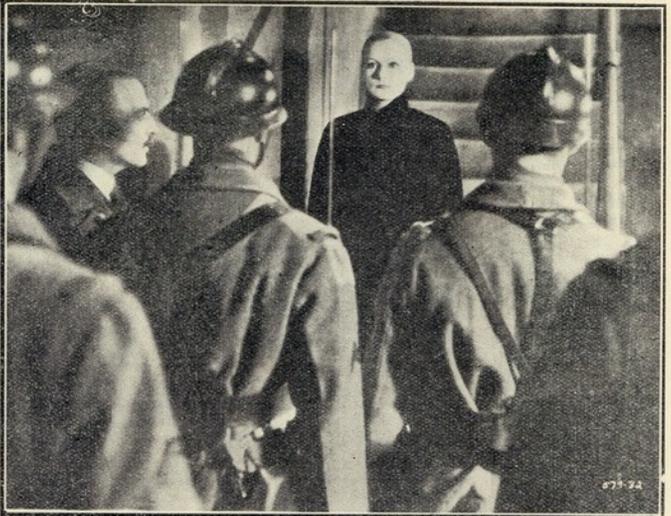
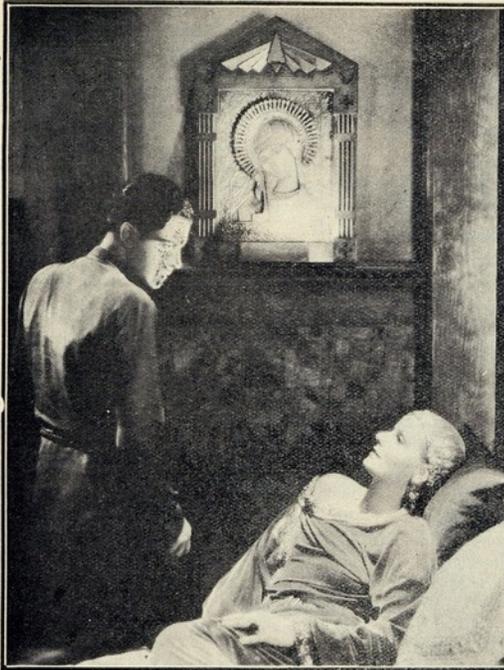
A França é apontada como resvalando para a «negrificação», ela que estava, «ontem, ainda, à frente da civilização mundial».

Declara-se que aquele procedimento representa uma nova violação dos tratados, e essas tropas negras são «armamento humano dirigido contra a raça branca».

Os próprios métodos coloniais franceses são atacados. É «ensinando a guerra aos indígenas» que a França coloniza; a assimilação, fá-la pela «dréssage» militar...

E o artigo da «Illustrierter Zeitung», donde respigamos êstes passos, conclui assim:

«Os dirigentes da França terão consciência da terrível responsabilidade em que incorrem perante a civilização dos países do Ocidente?»

F. M.

MATA HARI

Dentre os filmes que o público de Lourenço Marques tem vindo aguardando com maior interêsse, destaca-se «Mata-Hari», a grande «super» da Metro Goldwyn Mayer, baseada na vida da célebre bailarina-espia, que tem sido a sensação da Europa e da América. «Mata-Hari» vai ser apresentada, muito breve, pelo «Gil Vicente», e temos a certeza de que vai constituir um dos maiores êxitos de todos os tempos. Greta Garbo é a protagonista. A história da vida de Mata-Hari é bem a história para o temperamento e sedução de Greta Garbo. Acompanham-na, em papéis de grande relêvo, Ramon Novarro, Lionel Barrymore e Lewis Stone, um elenco à altura da reputação da Metro Goldwyn Mayer. «Mata-Hari», que levou três meses a filmar, é, de princípio ao fim, um filme cheio de beleza e fascinação.

Recordando

NA floresta, deitada sôbre folhas sêcas, largas horas escutei a música dos arvoredos, o canto das aves solitárias, e ouvi os murmúrios brandos dum regato. Ao longe, num recanto fresco da serra, vi uma mancha verde de castanheiros novos e, ao lado, uma casinha branca ensombrada por um parreiral onde eu quereria morar, longe do mundo — mais perto de Deus — entregue à solidão.

Só despertei do meu enlêvo, quando as sombras do crepúsculo vinham descendo a serra e o sol já se via na copa dos arvoredos, como um diadema de ouro polido.

....

Do parque vinham sussurros alegres: dos pardais que discutiam qual o melhor galho do arvoredo para se amalharem, e dos grupos de gente môça, dizendo coisas fúteis e graciosas. E as suas silhuetas gentis destacavam-se na luz suave do fim do dia.

Mulheres elegantes passavam, e, entre elas, vinha uma a quem me dirigi. Ela trazia os olhos cansados e uma prega funda franzia a sua boca delicada onde um sorriso encantador floria. Preguntei-lhe se estava doente. Respondeu-me que sim, que, de facto, o estava, dum mal que a tolheria durante uns meses para as suas festas... Doença que não queria, desse por onde desse... pois que a maternidade a horrorizava...

Arrefeci, e pelos meus nervos passaram ondas de terror... Não querer ser mãi, arrancar do seio criminosamente aquela esperança que enche o coração da mulher de ternura, do mais sublime afecto!... Amor que torna a mulher santa e dignifica a mais desgraçada.

....

E, ao ouvir a mulher elegante e rica, que tinha da vida tudo para ser feliz, veio-me à lembrança um encontro que tive na rua, uma certa noite de inverno, com uma pobre rapariga, magra e esquelética, que tinha passado a vida entre o vício e a fome, e que levava muito aconchegada ao peito uma criança enfezadita, quási um ninguém, embrulhada nuns farrapos, e que, ao ver-me, se aproximou, mostrando-me, enlevada, o seu filhinho...

— O meu menino — dizia-me ela — êste tesouro que Deus deu a quem não tinha nada...

E, depois, lá seguiu, sorrindo, a dormir, talvez, ao relento, no vão de qualquer porta, com o pequenino muito apertado nos braços, que tremiam de frio e davam calor ao inocente... tanto calor como se estivesse deitado num fofo berço de penas...

Quando a vi ir, rua fora, ao acaso, aquele farrapo humano, onde tam alto amor de mãi havia, deu-me vontade de ajoelhar, beijar a pecadora, a miserável, a santa...

....

Largas horas fiquei a rever a paisagem bela das serranias e a grandeza do poder de Deus!...

Pensei na abnegação dos corações dos infelizes que têm fome e frio... E na outra vida, onde a justiça divina terá a seu lado os humildes, que sofrem resignadamente as agruras da sua vida, a quem os grandes do mundo nem sequer olham...

....

Deitei-me e adormeci. Sonhei com o menino esfomeado, e com sua mãi tam pobre e tam rica de amor e abnegação!... E também sonhei com víboras...

MARGARIDA GUERREIRO

Alma de Artista

(Mais alto que a Lei e a vontade dos homens)

I

NINGUÉM conseguira arrancá-lo dali, de ao pé do caixão da morta... A sua dôr não era daquelas que se exteriorizam em cenas dramáticas, em gestos convulsivos, em lágrimas copiosas que nunca mais se estancam. Chorara, sim, ao princípio, lágrimas silenciosas e calmas; mas, agora, o drama da sua alma era todo interior e nem um músculo da face estremecia ao contemplar a morta deitada no seu caixão, entre multidões de rosas; ao ver o seu sorriso suave de sempre brincar-lhe nos lábios, já frios, como se ela estivesse dormindo e sonhando entre aquelas rosas que a acompanhavam até o fim.

E ali estava, voltado para ela, como se os dois pudessem conversar baixinho, sem que as outras pessoas escutassem ou pudessem adivinhar o que êles diziam.

Na verdade, não parecia morta. Estava mais magrinha, é certo, o rosto perdera a côr, mas perdera, também, tôda a expressão de tortura física e de sofrimento moral das horas supliciantes daquela horrível agonia.

As mãos, mais afiladas, dir-se-iam esculpidas em mármore; mas as veiazitas azues davam-lhes ainda um hálito de vida que parecia fazê-las vibrar no vago estremecimento duma carícia...

Ali ficara, junto do caixão da morta, tôda a noite, em silêncio, alheio a tudo quanto o rodeava. Parecia-lhe impossível que ela tivesse morrido! Não podia ser. A cada instante julgava vê-la acordar dêsse sono tranqüilo, abrir os braços para êle, passar-lhos em volta do pescoço, e procurar-lhe a boca para lhe dar, uma vez mais, aqueles beijos que o faziam transportar a um mundo irreal...

Todavia... estava morta!

Só disso se convenceu no momento em que, no dia imediato, a levaram para o cemitério, num grande acompanhamento. E só então ao seu espírito perturbado acudiram pensamentos de que estivera alheado, naquelas horas, junto da caixão da morta...

II

Ia ficar só! Completamente só!

Durante aqueles anos de casados, em que a vida fôra, para êles, um jardim florido de sorrisos, de doçuras inefáveis, povoado de cânticos, iluminado pelo sol, beijado pelas brisas, sua mulher não lhe dera, no entanto, transformado num querubim, o fruto dêsse amor que a ambos unira num abraço indissolúvel. Ela, porém, trouxera-lhe, ao lar, dois filhos do anterior casamento: Um rapaz de dez anos e uma pequena de doze, duas graciosas esperanças, duas promessas em botão que êle se habituara a querer como se seus filhos fôssem.

Quando vinha de fora, do trabalho, das preocupações da sua vida, e recolhia a casa, ansioso por se refugiar naquele pedaço de céu azul habitado por aquelas três almas, os pequenos corriam para êle como se êle fôsse o pai. E, de tanto se habituar a isso, ao sentá-los nos joelhos e ao beber-lhes os sorrisos e os olhares, chegava a pensar e a sentir que era assim mesmo.

Agora, depois da saída do caixão da morta a caminho do cemitério, é que abrangeu todo o vácuo da sua existência futura...

Desaparecendo a mãi, haviam-se quebrado, também, todos os laços que o prendiam àquelas duas vidas que já nada lhe eram. Nêsse mesmo dia, talvez, viriam buscá-los, arrancá-los aos seus braços, ao seu carinho, aos seus cuidados, os parentes do pai, do pai legal, daquele que, após o divórcio, criara um outro lar por terras de África, para onde partira havia anos. Viriam os tios dos pequenos, os avós dos pequenos, reclamá-los ciosamente e gritar-lhe, porventura, que êle era um intruso na família, uma pessoa que nada mais tinha que ver com aquelas duas crianças, que não eram do seu sangue e que haviam caído no seu lar, pelo acaso de um divórcio.

Agora, experimentava êle todo o horror, tôda a desolação da sua vida futura! Aquela morte não o separara apenas da mulher amada. Roubava-lhe, também, de um só golpe, aquelas duas almitas brancas que eram todo o seu encanto, aqueles pequeninos espíritos que êle cercara de mil carinhos e disvelos, para que florissem ao sol da sua alma de artista.

Nada ficaria dêsse sonho de três anos, tam brutalmente desfeito!

Seria, sim, o vácuo à sua roda — uma vida sem objectivo, sem ideal, sem um amparo, sem qualquer coisa que pudesse erguê-lo dos destroços da catástrofe.

— Mas porquê? — preguntava a si próprio. Com que direito a parentela paterna dos pequenos, a sociedade, a lei, lhe arrebatavam do seu lar, da sua companhia, da sua protecção espiritual, do seu afecto, que se desentranhara em amor de verdadeiro pai, aquelas duas crianças que seriam a única razão de ser da sua existência?

Não sabia. Não o compreendia.

Não podia compreendê-lo...

E embrenhava-se a pensar em tudo isso, martirizado, remexendo na ferida com uma espécie de sadismo do sofrimento...

Como podia ser?! Em nome de que princípio se praticaria semelhante monstruosidade?!

E recordava... e revivia...

Aquelas duas crianças tinham, agora, treze e quinze anos. Nos três anos decorridos, quanta transformação tinham sofrido!

Maria — a pequena, a mais velha — manifestara grandes tendências para as artes plásticas. Era uma autêntica revelação. Logo desde o princípio gostara imenso de o acompanhar no seu «atelier». Ficava-se horas esquecidas, muito atenta, numa espécie de encantamento, a vê-lo desenhar e a pintar os seus quadros. Outras vezes, não descansava emquanto não consentia que ela fôsse na sua companhia, quando, pelas manhãzinhas ou pelas tardes, êle ia surpreender, na natureza, certos motivos e certos efeitos de luz para algumas das suas telas mais emotivas. E fôra muito de princípio que descobrira nela uma admirável intuïção para o desenho e para a pintura.

Desde o dia em que Maria se lhe revelara, tôda a sua preocupação tinha sido a de a ensinar e de a tornar numa verdadeira artista. Ao mesmo tempo que lhe fazia aprender as regras de desenho, a combinação das côres, o contraste das sombras e da luz, a perspectiva, a graduação dos planos — em suma: tôda a técnica que ela podia abranger—proporcionava-lhe meios de cultura, já dando-lhe livros para ela ir conhecendo a evolução da arte, já conversando com ela e fazendo-lhe interessantíssimas prelecções, já levando-a a visitar os museus e as exposições de arte. E procurara, através de tudo isso, formar-lhe e desenvolver-lhe a sua personalidade. E o que era verdade é que, aos quinze anos, agora, Maria já produzia com bastante segurança e originalidade, e os seus quadrinhos — alguns já expostos — faziam parar à sua roda um círculo de admiradores.

E recordava... E revivia...

Entre essas pequenas telas havia duas — uma de paisagem, outra de natureza morta — que eram a mais brilhante afirmação de um pincel: duas notas impressivas, repassadas de uma emoção muito pessoal. Se fôra sua filha, dir-se-ia ter-lhe herdado o temperamento e a magia da sua visão e da técnica.

Pedro, êsse, era muito diferente. Mais vivo, mais irrequieto, menos contemplativo, não se prendia com a beleza plástica das imagens, da

forma. Sàdio, forte, fisicamente equilibrado, dividia a sua atenção — fora das horas do estudo — entre os desportos, de que era entusiasta, e uma certa predilecção pela literatura. E também nêle descobrira uma alma de artista. Fôra um domingo, à beira-mar... Um poente, a mancha de um barco à vela, todo o ambiente calmo da baía, haviam despertado em Pedro uma emoção. E, de regresso a casa, conseguira escrever uma página interessante, tocada de ingenuidade, que traduzia, com relativa elegância, essa sua emoção. Desde êsse momento, nunca mais deixara de procurar erguer na alma do pequeno Pedro a possibilidade de vir a ser um escritor.

Tudo isto e muito mais lhe passava pelo espírito, naquele momento de tortura, não querendo ainda admitir que lhe roubassem aquelas duas crianças ao seu afecto e à sua companhia espiritual.

Todavia... Levaram-lhos!

III

Passaram anos... Anos duros, anos que custaram a passar...

Sofrera. Lutara. Procurara esquecer. Viajara. A morte de um tio, irmão da mãi, que fizera fortuna pela Argentina, levara-o a esses países novos para tomar conta da herança.

Passaram anos...

Mais tarde, de viagem pela Itália, repetia a sua visita a museus, a monumentos, paisagens, e aqui e ali, o seu pincel, mais firme ainda, e agora tocado de novas emoções, continuava trazendo, para as telas, verdadeiras preciosidades artísticas, desvendando os segredos e a alma dêsse grande país do Sonho.

Um dia, encontrava-se perto de Pallanza, junto do Lago Maggiore, ali onde a luz, o sol, as montanhas, a vegetação, as sombras, têm encantos e tonalidades admiráveis a inspirar as almas dos poetas e dos artistas da côr.

Preparava-se para dispôr o seu cavalete, quando notou que, a certa distância, uma mulher, elegante e graciosa, vestida de branco, estava também pintando. Naturalmente — pensou — alguma artista italiana. Aproximou-se, discreto mas disfarçado, como quem vai à procura do trecho que havia de escolher para o seu quadro.

À medida que se ia aproximando, sem saber porquê, deixara-se dominar por uma emoção que lhe vinha dessa mulher.

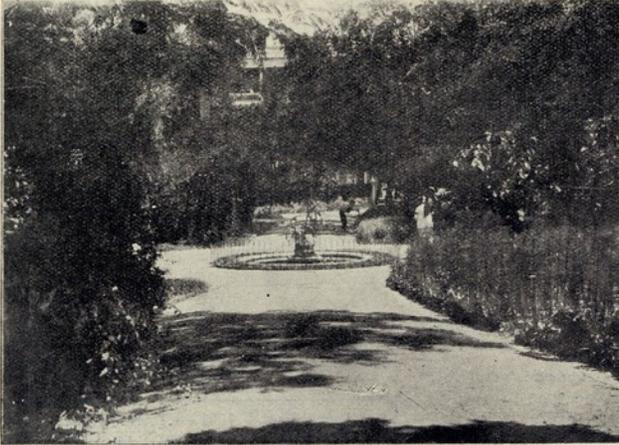
Ela sentiu passos. Voltou-se. Olharam-se. Ambos tinham a impressão de que se não viam pela primeira vez. E foi êle o primeiro a quebrar o encanto.

Era Maria, a sua ex-enteada, agora uma mulher, na plenitude da sua graça e da sua formosura e quási na maturidade da sua arte!

Foi um encantamento para ambos! Recordaram o passado; lembraram a mãi, com quem ela estava, agora, imensamente parecida; falaram de Pedro, que concluia, em Portugal, o seu curso de direito e que já se afirmara por algumas brilhantes produções literárias.

Sentados, ao almôço, à mesma mesa do hotel, cuja sala de jantar abria as largas janelas sôbre a paisagem admirável, Maria contou-lhe tôdas as contrariedades que sofrera no seio da família e as lutas quo tivera para continuar a sua carreira. E findou assim, fitando-o, numa expressão de profundo reconhecimento:

— Separaram-nos de ti; arrancaram-nos aos teus cuidados, mas não conseguiram que te esquecessmos, nem que em nós se apagasse a tua alma de Artista.

HÉLIO

Jardins

Quando se fala em jardins, à palavra está logo ligada a idéa de flores, crianças e namorados!

Como as flores são tudo quanto de mais belo a natureza criou, dando-lhes o condão da frescura, da gentileza, da côr e do perfume, como as crianças, são a vida, a graça e a alegria, como os namorados são o recorte duma esperança, o vinco duma ventura, a luz duma promessa — as flores, as crianças e os namorados são a máxima expressão do «bom» que a vida encerra.

Assim, os jardins, que se perfumam de flores, se alegram pela criançada e têm a alma alacre dos namorados, são o melhor lugar para desanuvio das horas más, para procurar a paz do espírito, para buscar a serenidade dos redemoinhos ingratos que nos cercam a existência.

Lisboa, cheia de jardins, jardins por onde andámos desde tamaninos, onde fomos crianças, onde brincámos e onde, talvez, tivessemos sido, também, namorados, quando falamos nêles, junto de nós vêm recordações diversas.

Dentre os jardins de Lisboa, tirando os parques das Laranjeiras e Eduardo VII, é bem entendido que o maior de todos, o mais jardim, é o Jardim da Estrêla.

Dentro das suas grades, pintadas de verde, cheio de copadas árvores, tendo recortados alegretes, vidradas estufas, espelhados lagos, pequeninas estátuas — alegorias — o Jardim da Estrêla, aberto ao lar-

go da Basílica, limitado pelo Hospital Militar, pelo Liceu Pedro Nunes e por um quartel da Guarda Republicana, é o mais animado, o mais freqüentado, o mais jardim.

Baloiços, morros de areia, carrinhos, tudo quanto possa ser divertimento da criançada, tudo ali existe.

Bandos de crianças, como ranchada cantante de pardais, jogam, brincam, fazem dansas de roda, sob os olhares vigilantes das «nurses» que catrapiscam estudantes e das «sopeiras» que derriçam os soldados da Guarda Republicana, como «in ilo tempore» derriçavam os «guitas».

Aos domingos, depois das missas do meio-dia, ha «arrastadelas de asa», olhares de papos-sêcos para s suas «alfacinhas» coradinhas pelo frio, enluvadas e apetecedoras. Ao meio da tarde, uma banda militar toca no coreto, redobra a chilreada da pequenada e redobram as olhadelas dos Paulos e das Vergínias, dos Romeus e das Julietas, dos Tristões e das Isoldas. A essa hora, o Jardim da Estrêla é uma «novela de amor»!

Também o Jardim da Estrêla tem tido horas e dias de benemérito.

Dias e noites de festas várias, iniciadas pela rainha D. Maria Pia, a quando do incêndio do Baquet, do Pôrto, para as suas vítimas, até as festas de Imprensa, que o «Diário de Notícias» e o «Século» por vezes ali promoveram, tomando nelas parte os artistas dos teatros de Lisboa, para fins de beneficência.

Teatro ao ar livre, carrosseis, tombolas, quermesses, cinema, pirotecnia, restaurantes, festas em que têm tomado parte senhoras da alta aristocracia e artistas também da mais alta aristocracia da cena.

Isto é lá. E como cá também temos o nosso «Vasco da Gama», quanta vez entrando nêle nos lembramos do Jardim da Estrêla.

Flores, crianças e namorados!

O «Vasco da Gama», com o seu lindo pórtico de entrada, manuelino, é um jardim cuidado, com as suas áleas bem varridas, com as suas árvores bem tratadas, e dando boa sombra para o afago das nossas tardes africanas. Como o da Estrêla, tem a sua estufa, os seus lagos e as suas flores.

Como o da Estrêla, tem ranchadas de crianças, umas em bando garrido, brincando, às vezes, debaixo do olhar vigilante e bondoso das Irmãs do Colégio Europeu, outras tuteladas pelas criadas molecas e pelos seus criados moleques.

Também por ali se têm realizado festas de caridade, festas alegradas, também, pelo concurso de senhoras e meninas e animadas pelas vozes leiloeiras e pregoeiras do André Martins Ribeiro e do Puga, todos sempre prontos a concorrer onde seja necessário praticar o Bem.

Jardim da Estrêla! Temos saüdades dêle!

Jardim Vasco da Gama! Gostamos de passar por êle!

Pelos dois — Flores, Crianças e Namorados!

F. B.

De cima para baixo e da esquerda para a direita. — Vestido de veludo para chá, em duas peças. As ombreiras de pele dão-lhe grande elegância. Distinto e original. Modêlo da casa «Debenham and Freebody»», Londres. — Lindo vestido de noite, de setim azul, apresentando a nova linha de duplo decote, com prezilhas de diamantes. Modêlo da casa «Marshall & Snelgrove», Londres. — Vestido de gola alta, para jantar, de seda dourada sôbre setim castanho. Modêlo da casa «Baroque», Londres. — Um «maillot» de banho, «dernier cri», lançado pela encantadora «estrêla» Ginger Rogers: de malha branca com barra azul. O «soutien-buste» é separado dos calções — Um curioso vestido de tule muito em moda na América. E do tule flutuante... escapa-se, graciosa, uma deliciosa perna... — Delicioso vestido de noite de côr verde-alface. Muito feminino. Modêlo da casa «Baroque», Londres.

Vingança

A O volante do camião, sacudido pelos solavancos, o Moreira seguia, nessa noite, do Quixaxe para o Mutumonho, a transportar carga do «monhé» Selemane Juma, quando, ao longe, fusilaram dois olhos de animal.

Prático do mato, «routier» experimentado, logo lhe pareceu que não se tratava de hiena, coelho ou vulgar passarolo. Devia ser «bicheza grosa», da que infestava a densa floresta da região. Diminuiu o andamento do carro, apontou o farolim, e, dentro em pouco, no máximo alcance das luzes, branquejou, a meio da estrada, um vulto.

— «Avarra», patrão! — gritou, de cima dos sacos de amendoim, o ajudante preto.

Tigre!

Êstes encontros, por freqüentes, não chegam verdadeiramente a emocionar pessoas habituadas, como Moreira, a transitar de noite pelo mato. Despertam sòmente interêsse — o interêsse de um bom tiro que aumente o «score» de feras abatidas, e dê ao atirador, sob a forma da pele do bicho, o trofeu da proeza.

O carro avançou mais, o animal apareceu maior, definiu-se, e estava a uns vinte metros, quando Moreira parou.

Era, efectivamente, um tigre — como lá chamam ao leopardo.

Sentado nas patas traseiras, a luz espectral dos farois dava-lhe à pele o aspecto de camurça branca, pintalgada de negro. A cabeça e o pescoço, descaídos, balançavam num curto movimento de pêndulo, que o olhar pisco acompanhava, fixando alternadamente o carro e o solo, com ar, ao mesmo tempo, aparvoado e de fria premeditação.

— Eh, Carría! Que belo bicho! — comentou Moreira para o preto, ao cortar o motor; e tomou da Mauser 10,5, sua habitual companheira de viagem, desceu do camião, encostou-se ao «capot», aprestou a carabina para o tiro e mirou por cima dos farois.

Em volta, era o silêncio picado da orquestração dos ralos, o corpo negro da floresta correndo, como muralhas paralelas, aos lados do macadame, o céu de veludo azul-escuro, leitoso, esmaltado de estrêlas.

Só a luz branca e forte dos farois rasgava, nítido na escuridão, o placo onde aquele tigre ia representar a última e rápida tragédia da sua agitada vida de salteador.

De repente, um estampido, logo seguido de outro, fez calar os múltiplos e indefinidos ruidos da floresta. O tigre retraíu-se numa corcova, a cabeça junto ao chão, o dorso arqueado, abateu-se, depois, rouquejante, e, sùbitamente, como que electrizado, num movimento de mola que se distende, saltou para o lado, para a berma da estrada, caíu sôbre a anca, arrastou-se, encobriu-se com os primeiros arbustos, e desapareceu no mato.

Moreira, de carabina aperrada, avança, esquadrinha as proximidades, sob a luz do farolim que o preto manobra, perscruta à direita e à esquerda, cautelosamente, e não encontra o animal.

Todavia, ficara bem ferido: manchas de sangue, na estrada, atestavam que a pontaria não fôra de todo má.

Mas o caçador ocasional tinha pressa de levar a carga ao destino, porque a lida continuava — ida e volta — pela noite fora.

Guardou para o regresso mais cuidadosa batida, assinalou com uma estaca, perto da valeta, o ponto em que o tigre se sumira, e seguiu.

*
* *

Mutomonho. Na loja do «monhé», violentamente iluminada pelo «Petromax», Moreira, emquanto os pretos procedem à descarga do camião, abanca, a beber, mais os outros «chauffeurs» que mourejam, como êle, por aqueles sítios.

Barbas por fazer, rostos ennegrecidos, rugas acentuadas, cabelos em desalinho, indumentária estravagante e descuidada — êste de «macaco» e sobretudo, outro de calças brancas e camisola escura, aquele de calção curto e casaco, e os restantes à semelhança — qualquer os tomaria por maltezes ou gente de mau encontro.

A-final, estão ali, sob a desfavorável aparência, os novos Quixotes do motor e da estrada.

Quantas noites passadas no caminho, com o carro enterrado até aos eixos, a tiritar, molhados até aos ossos, enlameados até ao pescoço nas tentativas de arranque, e, muitas vezes, sob o rondar das feras no matagal!

Quanta fome curtida nervosamente, à espera do socorro que resolva a «panne» ou acidente graves, tantas refeições fora de horas — lataria e pão comprados no «monhé» da última povoação de escala, ou galinha à cafreal e mandioca, assadas à margem da estrada, regadas a vinho ou cerveja, que previdentemente se trouxe, e água turva, captada no curso ou poça de água mais próximos!

O carro, o seu ganha-pão — o Rocinante dêles — converte-se, ao fim de algum tempo de serviço, na mais estranha associação de paus e cordas que a indústria transportadora jàmais imaginou, e no motor introduzem, com fios, madeira e ferros, audaciosas inovações de mecânica, que sèriamente comprometem o engenho dos técnicos da fábrica respectiva...

Se encontram outro carro, em dificuldade, seja mesmo de turismo, não há dedicação que não revelem. Debruçam-se sôbre a «panne», resolvem-na por processos expeditos, cedem peças, câmaras de ar ou ferramentas, partilham a gasolina, prestam demoradas e completas informações, prejudicando horas e horas do seu trabalho, solícitos, humildes e altruistas, recusando, ao fim, a gratificação de quem pelo aspecto dêles se iluda sôbre o puro cavalheirismo que os anima.

Nas povoações, «terminus» casuais e predominantes do serviço, têm sempre uma palhota, uma família cafreal e uma «machamba» em que o mais que se vê semeado por tôda a parte é sucata de automóvel.

Entre êles, no caminho, quando se cruzam, trocam-se chufas, calão, obscenidades, e, de quando em vez, há um recado que se transmite em linguagem livre — e todos são uma confraria, em que se mutuam câmaras de ar e «pneus», gasolina e óleo, ferramentas e serviços, de que nunca mais se prestam contas e que, em regra, tôda a vida reclamam, com doestos, uns dos outros.

A conversa do Moreira e dos companheiros recaíu, como era de prever, sôbre histórias de caça e de feras abatidas na estrada.

Chegou a altura do Passos contar as suas proezas e houve que esperar o desfile interminável de leões e tigres que êle varara tam seguramente como bebia, agora, os sucessivos copos de cerveja. E quando êle estava prestes a narrar o tiro com que prostrara o vigésimo bicho, o Alberto Ribeiro empunhou uma garrafa vasia e, com gesto de lha arremessar, imitou a sabida anecdota metropolitana:

— Se te atreves a matar mais êsse, liquido-te!

Foi uma risota — e levantaram-se. Era tarde — uma e meia da noite. O empregado «monhé», sentado num caixote, de pernas cruzadas, recostado à parede, escabeceava.

Passaram «vales» da despesa e saíram. Fora, cacimbava. O Carría, deitado no leito do carro, recoberto por uma manta, dormia a sono solto.

O Moreira tomou o volante e, ao partir, o Ribeiro recomendou-lhe:

— Oh! Moreira! Agarra o tigre pelas orelhas e trá-lo vivo, para o Passos o matar com um assôpro!...

*
* *

Junto à estaca que marcava a altura em que o tigre desaparecera no mato, o Moreira parou o camião, desceu, e Carría, o ajudante preto, foi-lhe iluminando os passos com o farolim, na extensão de cêrca de 50 metros, que, dentro da brenha, esquadrinhou.

Nada! Bem — ficaria para quando ali passasse com dia claro; e retomou o volante, dispôs-se a accionar o «self-start».

Nisto, o tigre ferido surgiu não se viu donde — talvez de qualquer barranco da valeta ou pequeno arbusto próximo — e, enraivecido, saltou bruscamente sôbre Moreira, ferrou-lhe os dentes e as garras no braço que segurava o volante.

Surpreendido, aterrado pelo inconcebível assalto, Moreira, instintivamente, foi-se deslocando no assento da «cabine», para se livrar da fera, que o não largava.

Carría, no leito do carro, vencida a estupefacção de um momento, pegou num dos fortes calços de madeira que servem de auxílio aos travões nas paragens em estradas íngremes — e, na sanha de quem aniquila inimigo secular da sua raça, vibrou, por cima da «cabine» sem tejadilho, na cabeça do animal, violentos golpes, que acabaram por o prostrar em meio do seu derradeiro arranco vingador.

Moreira saíra, entretanto, pelo lado oposto ao do volante e, ainda assombrado, segurava o braço direito todo ensangüentado.

O tigre, morto, ficara estendido ao comprido, na «cabine».

O ajudante removeu-o, atirou-o à estrada, e Moreira, atormentado por dôres horríveis, iá conduziu como pôde o camião até ao Mutomonho, onde os seus colegas se desvelaram numa primeira e rudimentar assistência, e depois o levaram ao Mossuril e daí a Moçambique, ao hospital.

*
* *

Moreira sofreu a ablação total do braço direito: a gangrena tornara impossível à medicina e à cirurgia outra solução.

Não houve, porém, razões que o persuadissem a conformar-se com a deformidade.

Alguns meses mais tarde, na ilha de Moçambique, numa casa que forma o ângulo do chamado cais do Philippi e da rua que ladeia o edifício do Banco Ultramarino, Moreira, no quarto de cama, de pé, segurou a carabina — a mesma com que atirara ao tigre — assentou a coronha no chão, apontou ao queixo, e, com o dedo do pé descalço, premiu o gatilho.

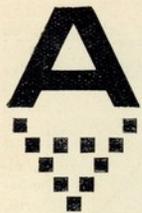
A bala expansiva arrancou-lhe o rosto e o frontal, projectou pelo mosquiteiro, pelas paredes e pelo tecto, massa encefálica e farrapos de carne, de mistura com pedaços de ossos e de dentes — e o corpo, inerte, caíu sôbre a espingarda.

*
* *

Esta cena do tigre é autêntica, ocorreu no distrito de Moçambique, em meados de 1929.

Em todo o caso, não a contem os leitores na Metrópole, para evitar a garrafa de qualquer ouvinte incrédulo.

Lourenço Marques, 21 de Janeiro de 1934.

ANTÓNIO DE SOUSA NEVES

CHABY PINHEIRO

NTÓNIO DE CHABY PINHEIRO nasceu aos doze dias de Janeiro do ano de 1873, na freguesia da Madalena. António de Chaby Pinheiro morreu na manhã de seis de Dezembro do ano de 1933, na sua vivenda de Algueirão, em Sintra.

A biografia dêsse grande comediante, que pertenceu a uma geração notável de artistas, marcando nela um lugar de rara distinção, está feita, está escrita, está conhecida. Está feita, porque todo aquele que uma vez o viu representar lhe compreendeu o valor; está escrita, porque as críticas nos vieram dizer quanto era o seu valor e a sua vida de artista; está conhecida, porque Portugal — continente inteiro — Ilhas, Brasil e Argentina, o viram representar e o aplaudiram como a nenhum outro artista português, porque nos meios teatrais da França e da Espanha o apreciavam.

Chaby Pinheiro — que morreu aos sessenta anos — estudante do liceu e, depois, do Curso Superior de Letras, recitava monólogos em festas académicas e em serões dos mais elegantes e dizia versos com tamanha elegância e tam vincadas inflexões, que começaram logo aproventando-lhe essas aptidões para diversas festas artisticas.

Foi assim que Chaby, aos 23 anos, foi contratado para a companhia Rosas e Brazão, tendo-se estreado em Outubro de 1896, no antigo teatro D. Maria II, na alta comédia «Tio Milhões».

Desde essa época, Chaby, marcando o seu lugar na cena portuguesa, interpretou, com notável valor, imensas peças de todos os géneros de teatro.

Chaby foi grande na alta-comédia, na farsa e na revista.

Foi um intérprete de vinco dramático na «Blanchette», no «Adeus Mocidade» e no «Poema de Amor», de Eduardo Schwalbach; foi um intérprete de observação cuidada na «Minha mulher noiva de outro» — a estreia de Palmira Bastos, na declamação — no «Genro do sr. Poirier», nos «Postiços», de Eduardo Schwalbach, e no «Rei da Gafanha»; foi um traço de «charge» nessas baixas-comédias «Conde Barão», «Leão da Estrêla», «Cama, mesa e roupa lavada» e «Amigo de Peniche»; foi um actor humorista nas revistas «Pão Nosso», «Lisbia amada» e «1916».

Com o desaparecimento do palco da vida do actor Chaby Pinheiro, resvala para a sombra dos ciprestes uma das últimas figuras de grande destaque da geração artística da época passada.

Com Chaby Pinheiro, brilharam, iluminadas pelas gambiarras e ribaltas, essas figuras da mais alta genealogia artística que Portugal teve nos seus pergaminhos da cena, e que foram João Rosa, Eduardo Brazão, Rosa Damasceno, Augusto Rosa, Carolina Falco, Ferreira da Silva, Vergínia Silva, Lucinda Simões, Ana Pereira, José Ricardo, António do Vale, Queiroz, Ângela Pinto, Joaquim de Almeida, Lucinda do Carmo, Cinira Palónio, Augusto Melo, Otelo de Carvalho, Alfredo Carvalho, Eusébio de Melo e tantos mais de nome ilustre, de nome grande, que foram ilustre nome e grande nome do nosso Teatro.

Todos já partiram.

E para junto dêles patriu, na última viagem, Chaby Pinheiro.

Chaby Pinheiro era um «grande actor», um dos maiores do seu tempo. É certo que a expressão «grande actor» se aplica àqueles que exteriorizam, com exuberância, o seu talento, que a ninguém deixam dúvidas sôbre a fôrça e luz da sua personalidade, sôbre os seus dons, empolgantes muitas vezes, de transformar em teatro tudo quanto é vida.

Chaby, na eloqüência das suas máscaras, dos seus gestos, das suas inflexões, soube dar à sua arte um magno fulgor, um dominante prestígio.

Chaby ficará na História do Teatro Português como aquelas imagens grandes, que se perfilam nos pórticos das catedrais, ficará na Catedral da Cena Portuguesa.

Chaby Pinheiro foi, dentro da cena, no nosso tempo, aquele actor que melhor representou a vida como ela se vive. Quando o viamos entrar no palco, era como se nós próprios lá entrassemos, com os nossos hábitos, as nossas manias, a nossa voz...

Tudo quanto êle dizia resultava fácil, natural, não daquela naturalidade fabricada, cujo artifício é transparente, mas da outra, da verdadeira, daquela que nós julgamos fazer. E não há arte mais elevada do que a arte que parece fácil e foi gerada, a-final, com a maior tortura.

Chaby era um actor pessoalíssimo, de estilo inconfundível, que nunca mais poderá ser esquecido. E sempre que dissermos Chaby, êsse nome evocará um processo de representar, simples e directo.

É por isso que Chaby Pinheiro era um «grande actor», e a sua perda, para o Teatro, apresenta-se irreparável, porque dificilmente alguém o substituirá.

E é preciso ter sido um grande actor para vencer o seu físico pouco adaptável aos requisitos múltiplos da cena, a sua obesidade característica de que, a-final, tanto e tam valioso proveito soube, por vezes, tirar(fazendo-a esquecer do público quando tal lhe convinha, com um domínio sôbre os espectadores, que era mais uma prova do seu enorme talento.

A carreira teatral de Chaby Pinheiro foi brilhantíssima. A banalidade da classificação não prejudica o sentido sincero e convicto que nêste momento se lhe dá. Bastas foram as suas criações, que é impossível recordá-las, a tôdas, de momento. A «Primerose», onde deu tôda a ternura à interpretação do «Cardeal»; a bondade do «Abade Constantino», a elegância do «Emigrado», o amaneirado «Faustino» da «Bisbilhoteira», o «Anastácio» do «Conde Barão», o galã da «Tomada de Bey-o--Zoom», o «D. Ramon de Capichuela», o «titerero» da «Santa Inquisição» — são figuras, entre outras, que ficam, que o seu talento plasticizou aos olhos das felizes gerações que o conheceram.

No drama, na comédia, na farsa, na revista, em tudo Chaby foi grande.

Interpretou Gil Vicente, no «Todo o mundo e ninguém»; Molière, no «Médico à fôrça»; Shakespeare, na «Fera Amansada» — sempre demonstrando a cultura do seu espírito, a sua interpretação moderna, subtil, observadora. A baixa-comédia deve-lhe as mais completas e observadas criações, como a alta-comédia e o drama lhe mereceram cuidado e composição dos personagens. A leveza do bom amigo da «Minha mulher noiva de outro», a angústia do pai dessa indomável «Blanchette», a bonacheirice do «Amigo de Peniche», tipos diferentes, bem diferentes, foram feitos por três grandes intérpretes distintos, mas por um só verdadeiro Chaby.

Ouvi chamar-lhe atleta da cena, e não lhe pode ser dado maior nome.

Os seus «tipos» de actor de revista, género que muitos julgam ser uma vulgaridade, e que é — creio — um dos mais difíceis para interpretar, pela variedade de tipos e características contidas na mesma peça, ficaram, também, no livro de ouro da sua Vida, como iluminuras em Códice.

O condutor do «Chora», do conhecido «Chora, Choradinho», da revista «Lisbia Amada», de Lino Ferreira, Henrique Roldão e Artur Rocha, marcam para sempre. O vereador da Câmara Municipal, da mesma revista, também jàmais esqueceu.

No «Salão do Tesouro Velho» e no «1916», ambos de André Brun; no «Pão Nosso», da parceria Ernesto Rodrigues, João Bastos e Félix Bermudes, foram bem definidas as suas rábulas, como também grande foi o seu personagem «Mineiro Alsaciano», da revista «Seca e Meca», de Fernando Baldaque e Schiappa Roby.

Vamos encerrar, reproduzindo a seguinte opinião do eminente dramaturgo Eduardo Schwalbach:

«Sóbrio no drama e exuberante na farsa, Chaby Pinheiro soube sempre graduar a sua mecânica artística conforme o ritmo próprio da interpretação. Compunha a figura em harmonia com o meio e subordinada ao efeito que o autor pretendia. Inexcedível na dicção, modelava-a tam hàbilmente que tanto provocava o deslise suave da lágrima como o ruidoso estrugir da gargalhada. A adiposidade, sua assistente auxiliar nas situações cómicas e sua enraïzada inimiga nos lances dramáticos, se no primeiro caso lhe enfunava a comicidade, no segundo quási desaparecia sob o efeito impressionante da palavra.»

E foi êste grande actor que morreu a 6 de Dezembro de 1933 — António de Chaby Pinheiro.

FERNANDO BALDAQUE

«As ansiedades e as torturas dum escritor só não as avalia quem nunca escreveu.»

FLAUBERT

Escrever...

MEIA-NOITE... Penso. Vou escrever. É de noite, no silêncio da noite, que eu mais gosto de escrever, que escrevo melhor... que penso melhor... Vou escrever. Mas o quê?...

Meia-noite... Silêncio... Tremor de campas... Tumbas que se abrem...

A nossa alma é como um grande cemitério... A certas horas, no silêncio, quando nos concentramos, quando meditamos, quando nos encontramos sós — dêsse cemitério, que é a nossa alma, erguem-se mil sombras... São os espectros do passado, dos dias que vivemos, das horas martirizadas, dos minutos de alegria, das pessoas, das paisagens, das coisas... Vou escrever...

Espectros... Fantasmas... Sombras... São êles que despertam do seu sono hipnótico, da sua morte aparente, e vêm, no silêncio da noite, no mistério da noite, passear nas áleas do jardim da minha alma — dêste jardim-cemitério — ou sentar-se à sombra dos ciprestes banhados de luar...

Vou escrever...

E os espectros passam... Espectros bons... espectros maus... espectros simpáticos... espectros tristes... outros alegres... Alguns aproximam-se, oferecem-se-me, tentam-me...

Agora mesmo — há instantes — um dêsses espectros se abeirou de mim... Era uma mulher... Vestia o mesmo vestido de seda lilaz com que a vi (fora da minha alma), há mais de vinte anos, pela última vez... Está na mesma... A mesma face... o mesmo olhar... o mesmo sorriso, o mesmo andar harmonioso... até o mesmo perfume!... Sentou-se ao piano e tocou... Tocou Chopin... tocou Beethoven... Depois... inclinou-se sôbre a minha secretária, poisou nos meus os seus olhos negros e na minha mão direita a sua mão patrícia... E disse-me:

— Escreve.

Recordei-me do seu caso. É curioso. Curioso e triste... E, ao recordá-lo, a reconstitui-lo, outros espectros se aproximaram de mim: dois, juntos; o outro vindo de muito longe... Duas mulheres, um homem...

E eu disse-lhes:

— Noutro dia... Hoje, não. O vosso caso, sim, dá uma excelente novela. Mas... noutro dia... com mais calma, com mais calma... Hoje, não...

E afastaram-se os quatro, seguindo cada um o seu destino...

Vou escrever...

Meia-noite e meia hora... Como o tempo passa! Como o tempo passa!... Uma brisa passa, também... Os farois de um automóvel incendeiam-me, por instantes, os vidros da janela...

E, nisto, surgem multidões de espectros...

Agitam-se, movimentam-se e rodeiam-me...

Envergam blusas... blusas de trabalho... São operários... Gente das oficinas, gente das fábricas, gente dos transportes, gente do mar...

É uma greve. Um movimento operário. Vejo-lhes as caras. Conheço muitos. Andei com êles. Vivi as suas horas de lutas, de incertezas, de sofrimentos, de trabalho, de alegrias, de entusiasmo, de idealismos, de revoltas, de triunfos...

É uma greve...

Alguns caminham para mim, as faces iluminadas, os olhos iluminados, as bocas iluminadas por uma expressão de crença alta... E pretendem que a minha pena, movida pela minha sensibilidade, pinte, no fulgor de meia dúzia de páginas, arrebatadas e verdadeiras, todo o drama forte da sua vida de forçados e de herois, tôda a tragédia da sua alma, que é a tragédia da alma popular e da alma dos chefes, conduzida pelas aspirações revolucionárias...

Mas eu digo-lhes:

— Hoje, não... A vossa vida, as páginas que vós escrevestes na vida, merecem um pincel de mestre. E eu não o sou — pelo menos, por ora... Só numa hora de grande inspiração conseguiria traçar e pintar essas páginas sem vos amesquinhar, sem roubar às vossas atitudes a energia escultural com que, na vida, vós as esculpistes. Esperemos que essa inspiração venha, ou que a minha pena se arcaboice.

O relógio deu, agora, a uma hora...

Espectros, que me cercavam, afastam-se também... A minha alma, enleada em recordações dêsse tempo, ficou, ainda, a vê-los desaparecer...

Vou escrever... É necessário que escreva. Mas o quê?!...

O tempo passa... A noite avança... A minha alma sofre... Trava-se no meu espírito uma grande luta...

Nervosismos... Indecisões... Dúvidas... — tudo isso me toma o espírito impressionável...

Vou escrever... Preciso escrever...

Mas não sei decidir-me, fixar-me, escolher o assunto, o caso sôbre o qual me hei-de debruçar...

Vejo rochas... rochas altas e a pique sôbre um mar revolto... — mar que ergue, em cachões, as espumas efervescentes das suas águas inquietas e raivosas... Vejo furnas... vejo uma ermida... E essas rochas, essas furnas, essas águas bravas, êsse mar irado, essa ermida pequenina e branca, trazem, até junto de mim, outros espectros... Espectros suaves e amigos... almas boas e simples que povoaram certos dias mansos, ingénuos e frescos do meu tempo de rapaz... Êles aí vêm... Trazem no rosto a expressão tranqüila das suas almas formosas; nos lábios o sorriso angélico das crianças que não foram ainda tocadas pelos sofrimentos e pelas ambições...

Mas o meu estado de alma, encrespado por nervosismos, martirizado por crispações, não se adapta ao quadro simples e calmo dessas almas simples, num contraste violento com o quadro movimentado e ruidoso daquele mar em fúria...

E os dóces espectros, como se o houvessem compreendido, afastam-se de mim, silenciosos e dóces, e entram na ermida, na ermida branca, agora todos banhados de um luar silente...

Vou escrever...

Na minha frente, agora, surgem campos de lavoura, vinhedos, milharais, pomares, eiras, montanhas, pinheirais densos... E desta grande tela, colorida e perfumada por mil reminiscências, desprendem-se, aos poucos, outros espectros que me fazem reconstituir cenas, episódios, traços de vidas que eu acompanhei de perto... E cada grupo dêsses espectros estende, para mim, as mãos em prece, dirige, para mim, os olhos em súplica, cada qual esperando que a minha sensibilidade e a minha pena os prefira aos outros, para os fazer viver em páginas tocadas de sentimento, ou pintadas por tintas fortes que cheirem a esteva, a giestas, a rosmaninho, iluminadas pelas madrugadas cantantes, pelo sol loiro do meio-dia, pelos poentes magoados da nossa terra...

E passam rios... E passam mares... E passam praias... E passam cidades, vilas, aldeias, lugarejos, casas de ricos, de remediados, de pobres... Passam palácios, confôrto, música, distinção... Passam casebres, tugúrios, desconfôrto, miséria, pureza, resignação... De todos os cantos, de tôdas as sombras do jardim-cemitério da minha alma, acordam, como por encanto, como nos contos de fadas, os mais diversos espectros, que me cercam, nesta hora alta da noite, quando eu quero escrever, solicitando a minha predilecção, a minha preferência por êles...

A noite avança... O tempo passa, vôa, desaparece... Daqui a pouco, será madrugada... O sol rebentará como uma rodela de fogo...

...E os espectros fugirão, assustados, da minha alma ansionsa e torturada...

O nervosismo aumenta... Sou tomado de impaciências... O meu espírito, mais inquieto pela vegília, tem exigências imperativas, demoníacas, supliciantes...

Vou escrever... É preciso que escreva...

Duas horas!... Há duas horas que me encontro aqui, sentado à secretária, em frente do papel em branco, no meio destas recordações, suaves umas, angustiosas outras... Sem me decidir, sem nada escrever!...

Estou tonto... Não de sono, que as pálpebras não me pesam, que o leito não me chama, que o repouso me não tenta... Tonto de indecisões, de ansiedades, de desejos, de alguma coisa querer produzir de interessante e de perfeito, de emocionante e de vibrátil...

E os espectros surgem, ressurgem de todos os lados... E cercam-me... e bailam... e rodopiam... e cantam... e contorcem-se... e lamentam-se... e riem... e desesperam-se... e choram...

A noite avança...

Ao luar, na minha alma perturbada e triste, os espcetros, em bailados macabros, em cânticos festivos, em orações magoadas, em atitudes calmas, em vagas tumultuosas de revolta, continuam a passar...

É um mundo estranho... um quadro infernal...

Daqui a pouco, é madrugada!...

E o sol, impiedoso, rir-se-á de mim...

Vou escrever... Vou escrever... Vou escrever...

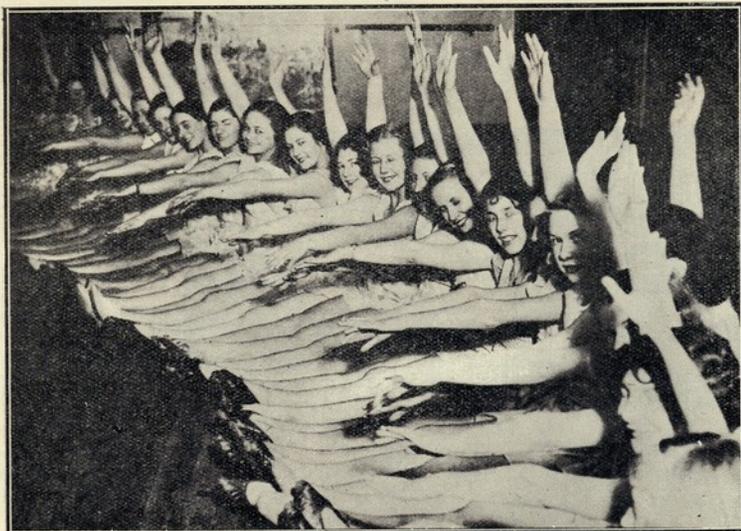
Uma raiva surda apossa-se do meu espírito... Experimento desejos, uns desejos crueis, uns desejos inferiores de quebrar a pena...

Mas eis que, de súbito, o pensamento fixa-se, a alma ilumina-se mais, uma fôrça domina-me, umas asas transportam-me, arrebatam-me... Que é isto?! Não sei... Não sei...

E escrevo! E escrevo!...

O espírito, numa rajada, sente-se tomado de convulsões criadoras... E a minha alma — a tonta! — ri... ri... ri...

...Porque o sol, quando nascer, já aqui não me encontra...

SOBRAL DE CAMPOS

Bailados...

Uma vaga ondulante de pernas e braços nus, num estúdio da Metro...

ESTES bailados vários, esta exibição de nu plástico, de nu artístico, ou de nu que simplesmente se deixa entrever, como no «can-can», entre rodadas saias de folhos e rendas, êstes bailados em carne e ôsso (mais carne do que ôsso), ou exibidos no «écran», em fantasmagorias de gente, são — parece-nos — para a maioria dos homens, mais uma vaga excitação que a elevada e nobre admiração pela beleza feminina, pela harmonia das formas, pelo equilíbrio e pela elegância dos movimentos e do conjunto, pela linha e pelo ritmo... A sua admiração e o prazer que a sua vida e o seu espírito experimentam em apascentar-se em tais quadros, deriva mais, talvez, do instinto que de uma ordem superior de idéas e de emoções artísticas. Mais que a admiração pela forma, pela estatuária impressionante de cada mulher e pela hramonia de cada grupo plástico que elas formam, bailando, há, possivelmente, um aflorar, impreciso e inconsciente, de — um desejo... De um desejo que nada tem, as mais das vezes, de artístico e de superior... E os seus olhares, concupiscentes, ficam-se presos dessas multidões de pernas que se ostentam, olímpicas e impudicas, ou que se deixam entrever numa tempestade de vaporosos e graciosos tecidos...

As pernas foram sempre admiradas. Já o poeta grego dizia de uma das suas heroinas:

«...tem uma túnica que a não cobre inteiramente e que, entreabrindo-se, deixa admirar os esplendores da sua coxa nua.»

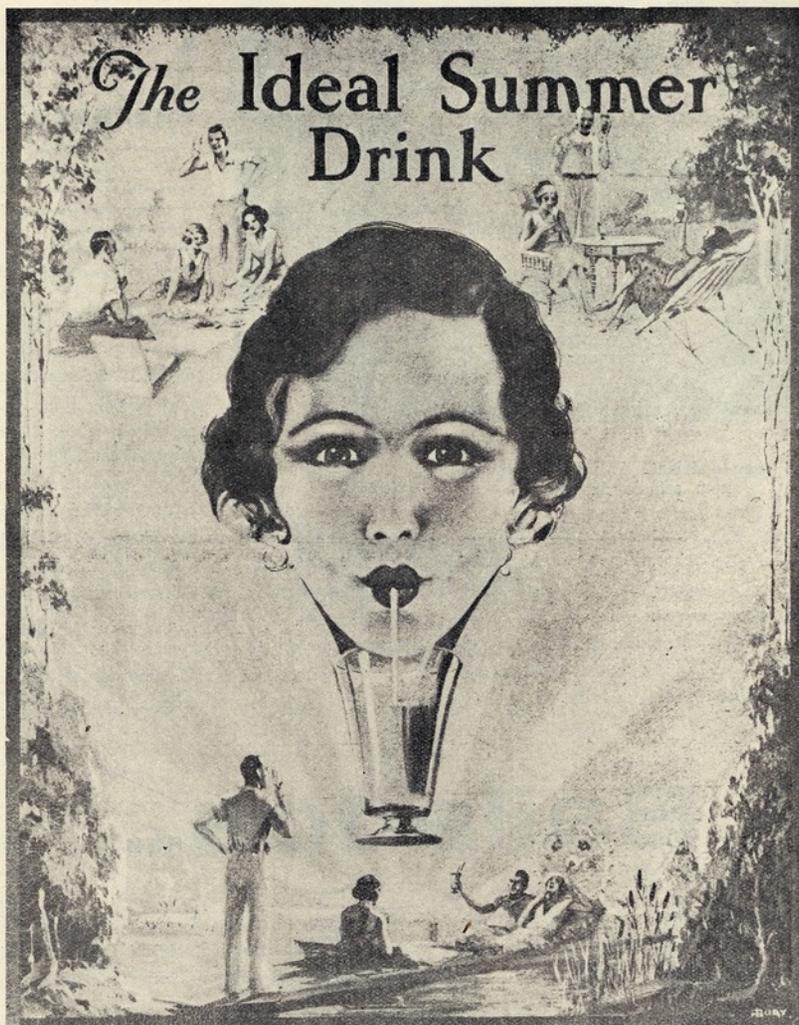
Não são, porém, só os homens que, mais ou menos elevadamente, contemplam o nu e se deixam prender por essas exibições da carne nêsses bailados vários... As mulheres também. A mulher gosta de se sentir admirada — mesmo através das outras... As suas próprias predilecções artísticas — quando as tem... — vão para tudo quanto lhes exalte a beleza e o amor.

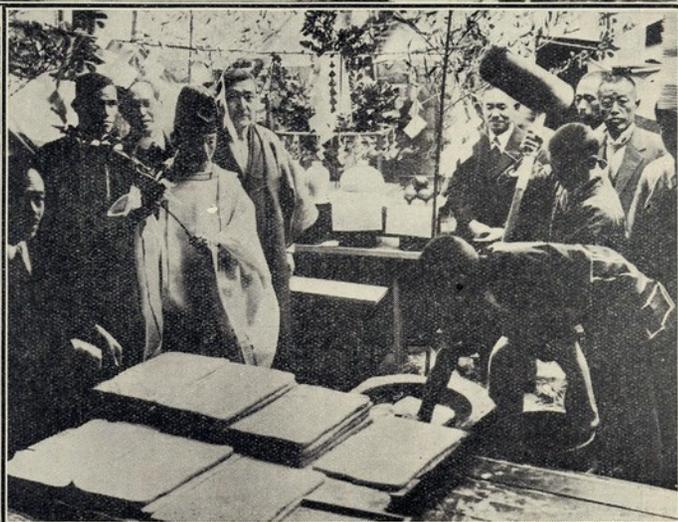
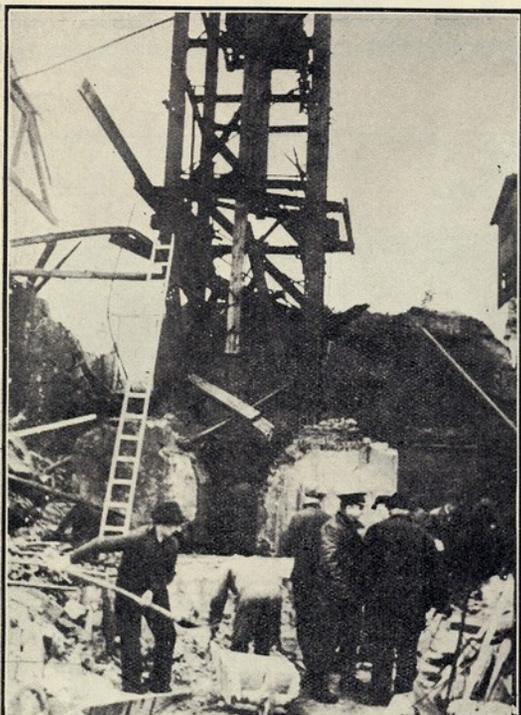
Na pintura e na escultura, o que a mulher, no geral, mais aprecia, são tôdas as cenas em que brilhe e se imponha o esplendor tam diverso, tam variado, do eterno feminino. Para as mulheres, a maior justificação de uma obra de arte está na exaltação que essa obra faça da sua beleza e da sua forma. Na música(mais que a virtuosidade da composição e a ciência das harmonias complicadas elas preferem, vulgarmente, as frases expressivas dos mestres da **nuance**, as melodias amorosas...

No romance, o que as prende é, principalmente, o enrêdo, a «intriga» de amor, e, no teatro, além disso, o luxo, as **toilettes** ricas de côr, a beleza elegante das mulheres, que a acção se desenvolva num ambiente cénico brilhante. Tudo, em suma, que lhes fale delas, que as exalte, que delas se ocupe...

Por isso... elas, como os homens, se deslumbram e encantam com os bailados exibicionistas das «outras». E essas outras que bailam, que se mostram, que se desnudam, é como se fôssem suas irmãs, é como se fôssem elas próprias...

E, na admiração, elevada ou não, que os homens experimentam, elas vêem apenas o triunfo, a vitória — da Mulher...

Um grupo de bailarinas francesas que estão dansando o «can-can», em Londres, com enorme sucesso

The Ideal Summer
Drink

Actualidades do estrangeiro

De cima para baixo e da esquerda para a direita:

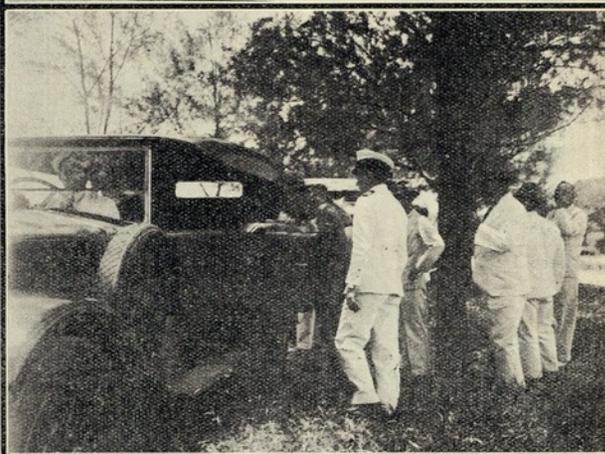
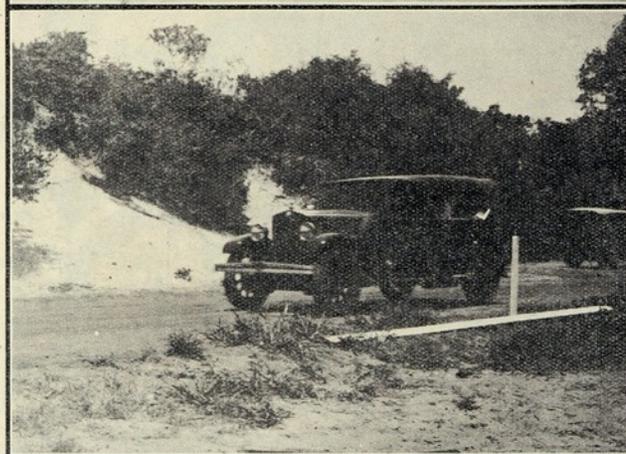
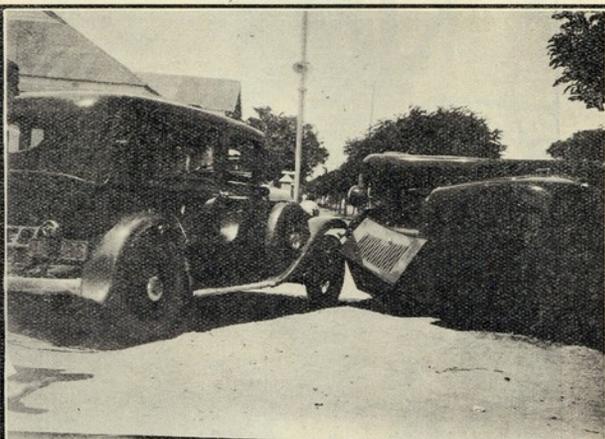
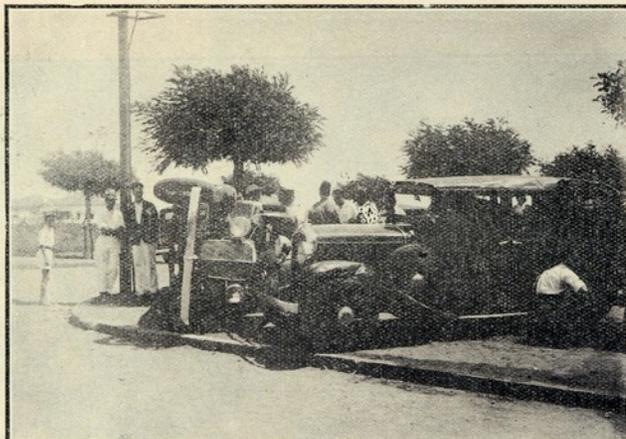
NA Checo-Eslováquia, deu-se um terrível desastre mineiro, em que morreram 136 pessoas. A fotografia mostra o estado em que ficaram os escritórios da mina, depois da explosão.

UM casamento de fascistas, em Londres. A noiva é Pamela E. Norman e o noivo Ian Hope Dundas, ambos da União Fascista Inglesa.

DEPOIS dos cumprimentos do Ano Novo. O ministro Goering, ao saír do palácio de Hindemburgo, é aclamado pela multidão.

O JAPÃO pitoresco. Um aspecto da festa do «bolo de arroz».

MISS Rosalind Norman, aviadora já muito experimentada, fez, em Londres, para os alunos das escolas, uma demonstração com modelos de aeroplanos.

Actualidades

EM CIMA:

Dois aspectos do choque ocorrido no domingo passado no cruzamento das Avenidas Pero de Alemquer e Latino Coelho entre os carros de Mrs. Hawckins e do chauffeur Alípio de Figueiredo da praça da Polana.

AO CENTRO:

Dois aspectos da inauguração da estrada nova que, através do palmar, liga a Polana com a parte alta da cidade.

EM BAIXO:

Grupo de crianças desta cidade que fez no dia 18 de Janeiro a primeira comunhão na Igreja Paroquial, vendo se ao centro o Prelado de Moçambique.

Problemas de viação... e de aviação

— Se eu conseguir que os comboios tambem vôem . . .

Página dos Novos

Iniqüidade

Na amplidão do céu imaculado lacrimejavam milhares de estrêlas...

...E pelas frinchas da janela daquela água-furtada cingida pelas trevas da noite, filtrava-se um soluçar miudinho e prolongado...

Na avenida opulenta, lá em baixo, no caotismo lamacento das multidões, a vida escorria, repleta de rutilâncias magníficas, repleta de miséria, de pús, de gangrena!...

Automóveis... Um número infinito de automóveis... Automóveis abertos, fechados, de luxo... Automóveis verdes, vermelhos, azues, cinzentos, brancos, amarelos...

Rolavam de manso, lentamente, uns atrás dos outros (elos de um reptil gigantesco), na cadência mórbida, automática e ennervante dos grandes cortejos...

Pousadas nos volantes: mãos enluvadas de «chauffeurs» de milionários; mãos brutais de assassinos, os dedos grossos, os dedos rudes, os dedos tortos; mãos esguias, subtis, de ladrões; mãos escuras, queimadas, magras, mãos tristes de automobilistas profissionais; mãos dóces, milagrosas, sublimes, mãos de profetas, de iluminados, de super-homens; mãos finas, diáfanas, ora alvas como dulcíssimas pétalas de açucena, ora rosadas como sonhos de donzelas, mãos inefáveis de mulheres; e... mãos de mistério... mãos excêntricas... mãos vulgares...

...E pelas frinchas da janela daquela água-furtada cingida pelas trevas da noite, filtrava-se um soluçar miudinho e prolongado...

Montras, muitas montras, montras por tôda a parte... Montras inundadas de luz manancial, montras ricas, montras riquíssimas e... montras pobres... Uma multidão de objectos... Uma multidão de coisas...

Montras de joalheiros!... Oiro... Prata... Diamantes... Pérolas... Topázios... Ametistas... Esmeraldas... Rubis... «Lapis-lazzuli»... Montras de fascinação!... Montras de loucura!...

E a multidão parava, estática, absorta, contemplativa... E depois seguia... E depois parava... E depois seguia... E a multidão era um mar humano, um mar de carne... Carne que era bácora, que era doente, que era suarenta... Carne de pecado... Carne de crime... Carne de ilusão... Carne de esquecimento...

...E pelas frinchas da janela daquela água-furtada cingida pelas trevas da noite, filtrava-se um soluçar miudinho e prolongado...

Quem chorava?

*
* *

Joaquim Silvestre também fôra jóvem, forte e sàdio. Como todos os seres mortais que pela rota da vida passam e que nela se apagam, também tivera os seus dias de felicidade, de encantamento benigno, de infinda satisfação...

A Grande Guerra, essa epopeia sangrenta que tanto martirizou a Humanidade!, fizera dêle um festejado heroi da Pátria, constelara-lhe o arcaboiço atlético de medalhas resplandecentes.

O seu nome, o modesto nome de Joaquim Silvestre, andava de boca em boca, andava nas bocas cansadas dos anciões, nas bocas sensuais ds rapazes, nos lábios-papoilas das raparigas e nas boquinhas ingénuas das crianças... O seu nome modesto fôra impresso em dezenas de jornais... O seu nome singelo andava por tôda a parte, voando alto, voando muito alto, nas asas diáfanas do vento...

Joaquim Silvestre fôra, ontem, o heroi festejado; hoje, era o moribundo esquecido!

*
* *

Aquela mansarda era um «mare magnum» de amarguras, de misérias, de tristezas inexaurveis! O catre, a um canto, desconjuntado e ferrugento; a enxerga de palha rija, tam rija que o corpo esquelético de Joaquim Silvestre nela se magoava tanto como se sôbre cristas de pedras agudas má sorte lhe tivesse ordenado pousada. Na outra banda, naquele local amigo fronteiriço à entrada, a mesa, a mesa inesquecível repleta de ternas lembranças, onde pousavam as condecorações resplandecentes, onde dormiam, enlevadamente seleccionadas, as dóces cartas, as inefáveis missivas de amor que a sua noiva (aquela que, mais tarde, fôra sua esposa amada e que a terra negra já comera!) estremecidamente lhe escrevera para o «front» ingrato e rude...

E aquela janela! Aquela janela única, aquela janela beijada, em noites luarentas, pela brisa balsâmica dos campos e donde êle contemplava tantas vezes, tantas vezes, a essa hora cândida do entardecer, o olhar parado fito ao longe, o pensamento imenso numa tempestade de recordações, a mancha rubra do sol poente a ensangüentar o céu infinito e o passaredo multicolor rapaziando pelas ramarias, cujos gorgeios enlevados vinham ferir, de mansinho, como um fiozinho de água cristalina a chorar numa fonte, o silêncio beatífico da mansarda...

E pela face emmagrecida de Joaquim Silvestre, os malares aflitos tentando romper a epiderme amarelenta e baça, os lábios descorados contraídos num rictus de amargura, por aquela face entristecida de mártir agonizante correu o pranto, correram as lágrimas, ardentes, enormes, duas a duas, duas a duas!

No meio daquela miséria infinita, sòmente duas coisas brilhavam: o coto de vela prestes a extinguir-se e os olhos negros e febris os grandes olhos tristes de Joaquim Silvestre!

A morte avizinhava-se, e êle bem a sentia!... E por isso chorava, a mágoa impressa, a letras de fogo, no coração martirizado, uma dôr infinda a confranger-lhe a alma, mágoa e dôr originadas na solidão que o rodeava (nem um amigo! nem um amigo!) no acto mais solene da sua Vida: — o da sua Morte!...

E pela sua mente, já abraçada pelas primeiras neblinas da agonia, perpassou, uma vez mais, tôda essa enorme ingratidão que os homens haviam cometido para com êle!...

....

O último soluço ecoou no silêncio da mansarda!... A derradeira lágrima escorreu, tristemente, pela sua face martirizada!...

....

E, lá em baixo, na avenida opulenta, no caotismo lamacento das multidões, a vida continuou a escorrer, repleta de rutilâncias magníficas, repleta de miséria, de pús, de gangrena!...

MANUEL JOÃO CORRÊA

Mãi

(Divagação)

POR **Teofilo Rodrigues**

Às vezes, quando reparo nos teus mirificos olhos, um dôce calafrio agita o meu corpo, estremece a minha alma, desperta o meu espírito, abala o meu coração.

E, delirante, julgo que essa emoção me eleva até Ti, orgulhando-me de ser Teu filho, e me dobra os joelhos, a alma, o brio, por não poder — nem mesmo de rastos andando — dar-te uma pequenina recompensa (que para Ti seria incomensurável), do bem que me fizeste.

E, pondo no Teu o meu olhar, fico prêso, supenso, estático, como envolvido na tenuíssima gase dum sonho que se dilui na bruma do crepúsculo. Porque Tu és Sonho, porque não és Vida! És Sonho... Não és Vida... E não o és, porque não pertences ao Mundo, ao vale corrompido dos Crimes...

Por isso, Mãi, mavioso nome que a minha alma profere em branda adoração e que a abóbada celeste da minha boca reproduz num eco.

Por isso, Mãi, terno Anjo que dulcificou as minhas dôres, fazendo calar os meus vagidos de criança.

Por isso, Mãi, essência subtil e perene da minha existência embrionária.

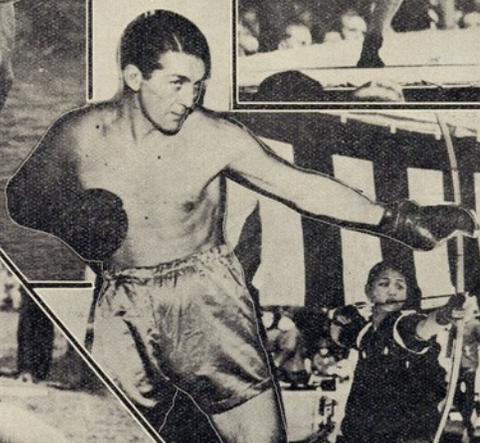
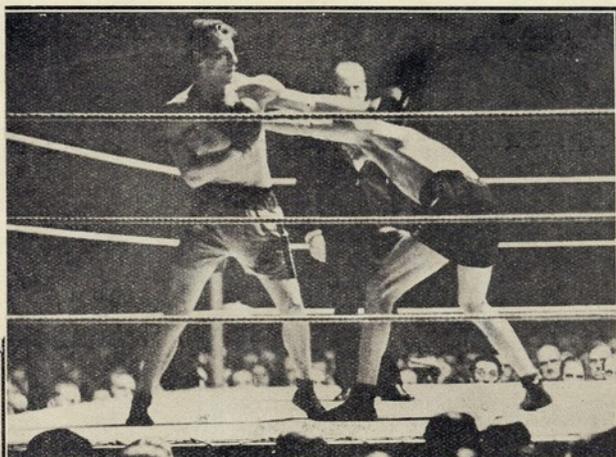
Por isso, Mãi, ó Mulher santa, ó imagem viva do Martírio, do Amor, do Sacrifício, do Supremo Esfôrço!

Por isso eu tento saír da Vida e atingir o Sonho, viver êsse Sonho em cuja gase opalina, às vezes, transitória e ilusòriamente, fico prêso, suspenso, estático...

Mas és tam Grande, que, só de te ver, cheia de Graça e resplandecente de Luz; só de contemplar-Te, cá de baixo, da minha Insignificância; só de adivinhar-Te no Altar das Dôres, aonde Te guindou a Tua missão, me sinto orgulhoso de ser Teu filho e me satisfaço. E, olhando os Teus olhos castanhos, dum setim vaporoso, fico boquiaberto, ante a auréola de Luz que espalham à Tua volta. E, quando recebo a sua carícia embaladora, materna e de eternal magia, um dôce calafrio agita o meu corpo, estremece a minha alma, desperta o meu espírito, abala o meu coração...

Abismado sempre na contemplação dêsse diadema de Luz, de Amor, de Caridade, de Grandeza, que maravilhosamente ostentas na Tua fronte, eu murmuro, em êxtase, em sonho, fora de mim, fora do mundo e das suas maldades:

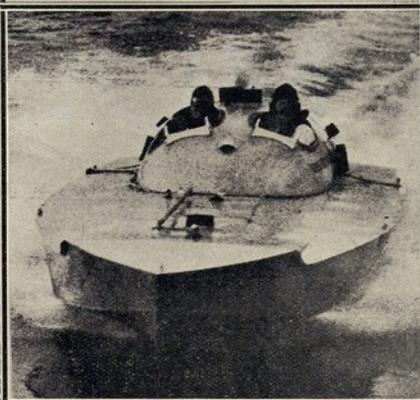
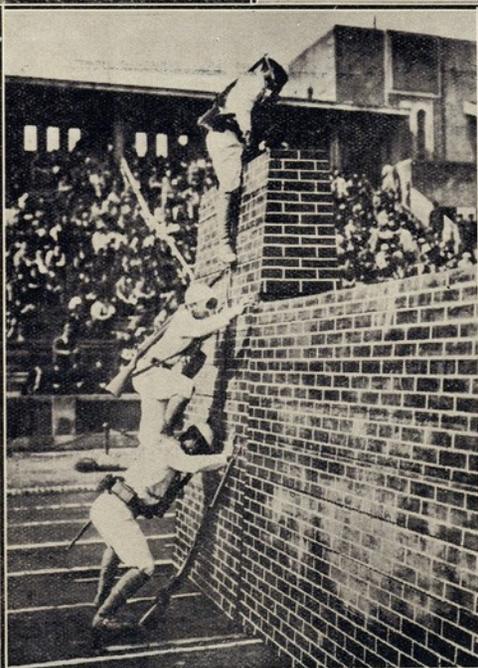
Bemdita sejas, Mãi...

DESPORTOS NO ESTRANGEIRO

Ao alto, à esquerda: uma fase do duelo Oxford-Cambridge; após quatro anos de sucessivas derrotas, Oxford ganhou as corridas de estafetas inter-universitarias; o concurso iniciou-se pela estafeta 4 x 100 jardas, cuja chegada a gravura representa, comprovando o «deadheat»; o homem da esquerda é Davis, de Cambridge, e o da direita é Lindo, de Oxford.

Ao alto, à direita: Len Harvey, batendo, aos pontos, Jack Petersen e arrancando-lhe o título de campeão «pesado» da Gran-Bretanha.

Ao centro: Georges Carpentier, o famoso francês que foi um dos maiores «ases» do pugilismo, retomou o treino e vai de novo tentar a glória dos «rings».

Em baixo, à direita: «Miss Britain III», conduzido pelo seu proprietário, Mr. Scott-Paine e mecânico Gordon Thomas, atingiu, em tentativa de «record», a média de 102 milhas por hora.

As outras três gravuras são documentos da vida desportiva do Japão, na qual as mulheres participam largamente. Assim, vemo-las disputando o concurso de arcos, e conhecemos a senhorinha Teiko Yamamoto, «recordwoman» nipónica do lançamento do dardo, com 39 metros.

Em baixo, são os estudantes do Colégio Militar de Toyama, que, armados de espingardas e máscaras anti-gás, disputam a única corrida de obstáculos que se realiza no Japão.

Já não quero outro:
Agora o

SABÃO
DE
MOÇAMBIQUE

Lava bem!